



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13024 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Núcleos de estudos das relações étnico-raciais: encruzilhadas para uma educação antirracista nas escolas da RME-BH

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Nesir Freitas da Silva - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

NÚCLEOS DE ESTUDOS DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: ENCRUZILHADAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NAS ESCOLAS DA RME-BH

Resumo

Este trabalho, ao se debruçar sobre a constituição dos Núcleos de Estudos das Relações Étnico-Raciais/NERER's, busca compreendê-los como encruzilhadas para a construção de uma educação antirracista nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte/RME-BH. Utilizando-se do cruzo entre os Saberes Acadêmicos e os Saberes de Terreiro para a construção das análises sob a égide de uma perspectiva exusíaca. Eminentemente protagonizado por mulheres negras que, por seu caráter insurgente e combativo, emulam a figura da Pomba-gira no desenvolvimento do debate da pauta racial na RME-BH. Em seus relatos, as participantes afirmam ser o NERER âmbito formativo sobre a pauta racial, espaço de aquilombamento e de construção de ações educacionais antirracistas no fortalecimento da Política de Promoção da Igualdade Racial. Apontando como desafios: o pouco envolvimento dos gestores, o desgaste provocado pelo protagonismo e a reduzida equipe da Gerência das Relações Étnico-raciais, a pesquisa evidencia, a partir do depoimento das entrevistadas, um amadurecimento na pauta antirracista na RME-BH que passa, não apenas pela quebra do silêncio, acionando a denúncia do racismo, mas avançando na elaboração de ações propositivas por meio da construção e consolidação de uma concepção de educação antirracista na RME-BH.

Palavras-chave: NERER, Mulheres negras, Educação antirracista, Encruzilhada.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa teve como problema investigar os Núcleos de Estudos das Relações Étnico-raciais/NERER's como encruzilhadas para a construção de ações educacionais antirracistas nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte/RME-BH. O decreto 16.717/17, em seu artigo 49, institui a Gerência das Relações Étnico-Raciais/NERE'S atribuindo-lhe a coordenação de grupos de estudos para formação continuada das(os) professoras(es) e demais profissionais da educação para a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08. Em 2017, os NERER's são instituídos em cada uma das nove regionais administrativas do município, como espaços de formação continuada.

Buscou-se compreender como a participação desses profissionais nos núcleos propiciaria a construção de ações educacionais antirracistas nas escolas a partir da análise das interlocuções com as suas/eus participantes.

A pesquisa aqui apresentada constitui-se também em uma ferramenta de luta contra o epistemicídio ao se propor da visibilidade aos Saberes da Gira em cruço com o arcabouço teórico do cânone acadêmico para compreensão e análise dos dados, assim, como, para que os direitos até então alcançados, por meio dos movimentos sociais no decorrer dos tempos, não se percam, reconhecendo e potencializando espaços de resistência como os terreiros das religiões de matriz africana e os NERER's que, em nossa simbologia, constitui-se, enquanto espaço de resistência e proposição da política, como um terreiro.

METODOLOGIA

Adotamos a valorização dos saberes da Gira como legado para a produção acadêmica, ressignificando o arcabouço teórico acessado, a partir do cruzamento entre os aportes acadêmicos e a lógica dos saberes do Axé. E por isso adotamos as lentes dos saberes afrodiaspóricos para evidenciar o modo como os conhecimentos são traduzidos e ressignificados pelos povos de Axé a partir de uma escolha política como apontado por Rufino (2019):

Elencar Exu como teoria principal deste estudo é uma ação política. Ações como essa são sempre epistêmicas e metodológicas. Emergem confrontando os limites existentes. Dessa maneira, operam taticamente nas fronteiras salientadas quando cruzadas aos modelos de conhecimento favorecidos pela racionalidade dominante. A tática é rasurar o monologismo das razões dominantes e apontar para o pluriversalismo subalterno. (RUFINO, 2019, p.20)

O acesso ao campo se deu, devido à pandemia de COVID-19, através do uso das tecnologias digitais — *Whatsapp*, *e-mail's* e plataforma digital (*Google meet*) — para realização de entrevistas, com todos os desafios e possibilidades apontados no uso dessas ferramentas.

Após o envio de formulário *on-line*, foram realizadas dezenove entrevistas semiestruturadas em que os aportes para a análise foram mobilizados a partir dos saberes Afrodiaspóricos da Umbanda e Candomblé. Nos dizeres de Rufino e Simas (2018), iniciava-se aqui uma empreitada no campo do cruzo entendido como:

“(…) a arte das amarrações e dos enlaces de inúmeros saberes praticados, produz os efeitos do encanto; aqueles que se constituem através das mobilidades e das potências presentes nas zonas de contato – encruzilhadas – formadas por múltiplos saberes.” (RUFINO e SIMAS, 2018, p.20)

Exu é a figura da ambivalência, mostrando-se na pesquisa em suas faces epistemológicas, Orixá e Egun. A face epistemológica nos indicará caminhos para leitura e compreensão dos fenômenos; a face Orixá é a que recebe as oferendas, força motriz que impulsiona e faz o encantamento da vida acontecer; e a face Egun mostra-se como uma entidade que se apresenta nas giras de Umbanda/Candomblé.

E na face Egun, trazemos à cena a figura da Pomba-gira que nos Terreiros é uma manifestação do feminino na linha de Exu, sendo, portanto, entidades que viveram no plano terrestre sendo profundas conhecedoras dos dilemas da vida humana. E, assim, Exu é homem, é mulher, é força, é movimento, é o que determina ser, longe de fixações e tabus. Afinal:

As potências de Exu transgridem qualquer tentativa e forma de classificá-lo. Parto da premissa de que Exu, sendo o princípio dinâmico produtor de toda e qualquer forma de linguagem, imprevisibilidade e possibilidade, pode vir a encarnar as suas potências nas mais diferentes e improváveis formas. (RUFINO, 2019, p. 24).

Potencializamos a construção das reflexões a partir das dinâmicas das giras, em suas linhas específicas, que podem ser entendidas como ramificações de trabalho dos Orixás, cada qual com suas vibrações singulares, contando com a presença de falanges que se constituem em grupos de espíritos que unem esforços coletivamente para formação de frentes de trabalhos.

Tal escolha se sustenta na concepção de que a luta antirracista ganha força na atuação de coletivos, mas também por compreendermos que somos um emaranhado de vivências que se traduzem em estratégias de interlocução e transformação da realidade.

Trazer à cena as narrativas dessas dezenove potentes mulheres é um ato coletivo de Escrivivência, dado que nossas vivências se cruzam em muitos aspectos, principalmente no tocante à singularidade de ser Mulher e Negra no contexto educacional e juntas nossas vozes ecoam em um coro ancestral: sejamos antirracistas! Nossas vidas e saberes são valiosos! Façamos a diferença, ocupemos os espaços, sustentemos a Gira!

As narrativas foram agrupados em 5 linhas de trabalho, a partir de um traço marcante de suas trajetórias, são elas: *Abre-caminhos*, formada por mulheres precursoras na construção

do debate racial na RME-BH; *Coletivos*, tem como marca a presença de movimentos sociais em sua trajetória/atuação; *Corpo negro em movimento*, tem como principal característica a interpelação da corporeidade negra nos espaços que circulam; já a linha *Carrego* traz a vivência das violências do racismo institucional como principal marca; e a linha da *Gestão* é formada por mulheres que se propõem a um embate em seus espaços de atuação.

As linhas são formadas por falanges — grupo de espíritos que se alinham no mesmo propósito— em um enquadre conceitual em que as entrevistadas são nomeadas como Pomba-giras, dado o seu caráter educativo e insurgente. Os pseudônimos foram construídos a partir do nome composto Maria e um nome africano que representa uma característica pessoal da participante, como se dá a nomeação das Pomba-giras nos Terreiros.

Essa estrutura nos permitiu desenvolver um estudo de caso em rede em que, segundo Goode Hatt (1968), “*o caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo*”, e entendíamos o NERER como uma unidade de formação continuada de profissionais da educação vinculado a uma instância maior, a Gerência de Relações Étnico-Raciais/GERER, cujo um dos objetivos é a construção de uma educação antirracista na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte.

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa em que os dados foram lidos a partir dos referenciais da análise de discurso, pois entendemos que todo discurso é uma prática social e, portanto, circunstanciada. Buscou-se compreender as nuances das relações de poder/saber estabelecidas entre os sujeitos e as instituições — Núcleo de Estudos das Relações Étnico-raciais, Escola, Gerência das Relações Étnico-Raciais— com vistas à promoção de uma educação antirracista nas escolas da RME-BH. Dialogando com Bakhtin (2003):

Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. (BAKHTIN, p.296, 297)

Entendemos, portanto, que o discurso se faz nas interações sociais e carrega em si as dinâmicas de poder oriundas dos meios sociais, permitindo-nos construir uma rede de diálogo entre as participantes da pesquisa.

RESULTADOS

Destacou-se, como achado de pesquisa, o protagonismo das mulheres negras na construção de ações educacionais antirracistas haja visto que as participantes são mulheres e se autodeclaram como pretas e pardas, com perfil progressista e uma busca pela formação continuada, seja de forma autônoma ou institucionalizada pela pós-graduação, o que sinaliza

um reflexo da política de incentivo à formação da RME-BH.

As Marias dessa pesquisa contribuíram para a construção de um contexto de maior acesso à materialidade e formação, o que impulsiona a construção de ações antirracistas e emancipatórias, ainda que enfrentem desafios no cotidiano.

Constatamos, o estabelecimento de cruzos entre as possibilidades de formação dos NERER's, a construção de uma RME-BH antirracista e o fortalecimento da política de Promoção da Igualdade Racial, a partir de um movimento de via dupla que apresenta a cidade como espaço que fomenta ações educacionais antirracistas e a escola como instituição que interroga as relações étnico-raciais ali estabelecidas, proporcionando rasuras na estrutura que permitem a construção de uma educação antirracista na RME-BH.

A pesquisa se mostra relevante frente à carência de estudos sobre os NERER's a partir da narrativa das pessoas que dão vida a esse espaço que se configura como uma encruzilhada, local de apontar caminhos e fazer escolhas para a construção de ações antirracistas em que, efetivamente, se dá o fortalecimento da Política de Promoção da Igualdade Racial e renovação do quadro de profissionais para continuidade dessas políticas.

Escolhemos os saberes afrodiaspóricos, como suporte das reflexões aqui produzidas, pela importância de trazer outras epistemologias para a construção de saberes acadêmicos. Os achados da pesquisa dialogam com trabalhos de Gomes (1997) e Santana (2000), que sinalizavam o protagonismo de docentes na debate das relações étnico-raciais, assim como o protagonismo de professoras(es) negras(os) no combate ao racismo nas escolas.

O potencial educador dos movimentos sociais, em especial o movimento negro, na trajetória dessas mulheres se destacou. Evidenciando-se o dinamismo e as múltiplas estratégias criadas para o combate ao racismo no contexto escolar e o amadurecimento dessa proposta para construção de uma RME-BH antirracista.

Destacou-se a importância da criação da GERER no organograma da Prefeitura Municipal como estratégia de fortalecimento da política de promoção da igualdade racial. A questão da gestão da unidade escolar, entretanto, é apontada como um dos dificultadores para a implementação de políticas antirracistas mais permanentes no cotidiano da escola.

Os NERER's são apontados como local de aquilombamento, fortalecimento e formação, há o reconhecimento pelo trabalho da GERER, e uma preocupação pela equipe reduzida, apenas duas potentes Marias para articular uma rede de educação antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos a potência dos NERER's como espaços de formação, trocas e fortalecimento dos participantes para construção de ações educacionais antirracistas, assim como uma efetiva atuação da Gerência das Relações Étnico-raciais/GERER. Há um cruzamento entre o protagonismo das mulheres negras e um ativismo que por vezes lhes

sobrecarregam, sobretudo quando há entraves com a gestão escolar, fato esse que demanda uma tratativa institucional acerca do desgaste emocional dessas mulheres.

A perspectiva exusíaca nos levou à sistematização da articulação dos movimentos protagonizados por mulheres negras, movimentos sociais, e, em especial o movimento negro, em sua tarefa contínua de interpelação de distintas instituições no município de Belo Horizonte, levando a pauta racial para o debate, apresentando demandas, construindo propostas que culminaram na criação dos NERER's como espaço de formação continuada e, posteriormente, na criação da Gerência das Relações Étnico-Raciais/GERER. Foram as lutas sociais que pressionaram e continuam pressionando o poder público para a construção de uma proposta educacional, a princípio, de combate ao racismo e, atualmente, na construção de uma proposta educacional antirracista na RME-BH, um movimento que surgiu e se sustenta nas bases da estrutura educacional, no chão da sala de aula e nos movimentos sociais.

Apontamos ainda o racismo institucional, como uma barreira para o avanço da Política de Promoção da Igualdade Racial com enfoque na educação, por muitas vezes aparecer como secundária na elaboração de documentos e deliberações institucionais.

Percorremos um rico trajeto de pesquisa e chegamos a uma Encruzilhada que aponta os NERER's como espaços promissores para novas pesquisas, assim como a GERER merece uma pesquisa robusta que acesse camadas desse lugar potente na RME-BH, e as próprias Marias com suas trajetórias suscitam para novos trabalhos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 279 — 327.

GOODE, William Josiah; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. 2.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1968. 488p

GOMES, Nilma Lino. **A questão racial e o novo coronavírus no Brasil: trabalho e justiça social**. Junho/2020. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/16315.pdf>. Acesso em 22 de fevereiro de 2023, v. 5, n. 07, 2020.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019, 164p.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2018, 124p.